

**POEMAS
DOS CAMPOS DE MORTE**

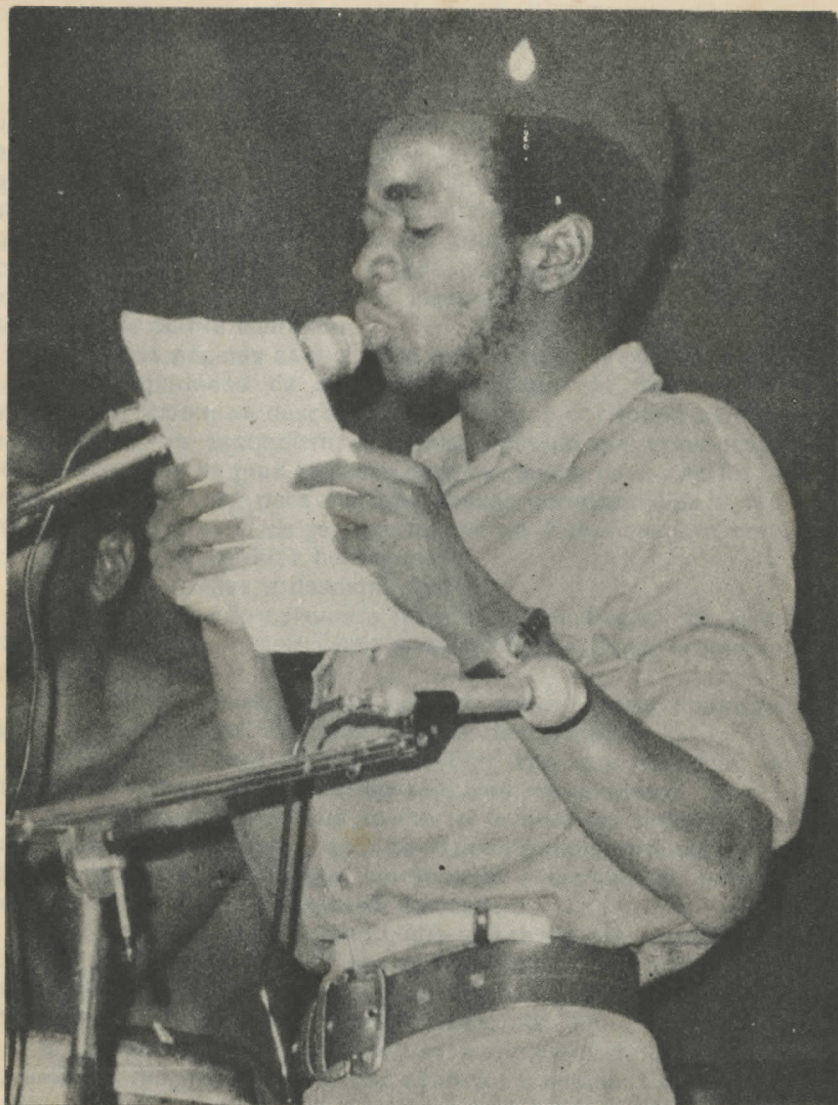


LUCIO LARA

DEDICATÓRIA

A memória de KUSSI

A ti KUSSI
Companheiro corajoso
Tombado na frente.



«SÓ A MORTE PODERÁ TRAVAR
O ÍMPETO DA NOSSA FORÇA
MAS NÃO A CAUSA QUE A MOVE»

PREFÁCIO

Nestas páginas escritas a recordar batalhas, duríssimas batalhas, contra o colonial-imperialismo, a reviver pedaços de um passado — nosso passado — que se prolonga nas horas exaltantes que agora se vive; neste pequeno livro, camarada, nós vamos afirmar com a maturidade que nos confere a nossa luta de gigantes que para viver é preciso pagar um preço e um preço tão mais caro e elevado quanto mais a vida que se pretende e se quer viver, nega a opressão, nega as algemas, quanto mais esta vida se confunde com a **liberdade**.

Nestas páginas está o sigilo austero que tiveste de guardar nas horas gloriosas da clandestinidade quando mil segredos, segredos de quem se descobriu com inimigos por todos os lados, segredos que se escondiam no pequeno círculo que aprendeste a formar para que as tuas ânsias e desejos de liberdade não fossem violados, destruídos, para que não ficasse comprometida a caminhada que os bravos da radiosa manhã de 4 de Fevereiro começaram a fazer e conduzir heroicamente.

Sigilo? Ânsias e desejos? Quais?

Sigilo, quando calavas a revolta da humilhação, da palmar-tória, do chicote, do servilismo e da miséria e dizias firmemente determinado :

— «Serei livre, porque aprendi desde aquela madrugada a não esperar clemência, nem favores de carrascos.

— «Serei livre porque luto. Esta luta que eles não vêm porque se iludem com as cordas que eles me amarram.

— «Serei livre porque ao morrer levanto-me todos os dias, cada gota de sangue, cada gota de lágrima é uma partícula de vida que transmito a muitos que continuarão a caminhada. Ninguém travará a chuva, nem tu opressor carrasco.»

E este que te via curvado, que não te via apertar os dentes, com força, a conter a raiva que te inflamava a cara e que quase te arrebetava o coração, ele — já sabes bem que é — supunha-te dominado, domesticado como um cachorrinho manso.

E apesar de tudo não dizias a ninguém os teus planos, guardavas religiosamente o teu segredo e depois... partias para a mata, no olhar, nada que mostrasse que a tua revolta se tradu-

ziria — não na fúria cega, não na violência gratuita — mas na violência que liberta, na violência, que transforma a morte lenta em vida transbordante, na violência que depois de repôr as coisas como elas são, confere determinada capacidade, a todos quantos nela se engajem, de compreender de que o que se passara fora mais uma página errada na história que carecia correcção. Era preciso corrigir a marcha da história...

E se não partisses para a mata aí estavas, escancarada, qual goela de vulcão em chama, a prisão-paredes húmidas a martelar a testa cheia de suor, suor frio de cadáver, os braços inchados, as costas cortadas. Paredes húmidas a coçar-te as feridas, que apodreciam sem remédio. E nem por isso deixavas que os mosquitos da polícia, da pide te bebessem e te sugassem o íntimo onde adormeciam bem acordados os desejos e ânsias de lutar para que pudesses partilhar, mesmo que fosse apenas só migalhas, a vida dos homens.

Caminho do mato/

Caminho de gente/

Gente cansada ó ó óh/.

E se não te afundasses no seio dela e os «mochitos» não te abraçassem, como tu abraçavas ao filho raquítico que muitas vezes viste morrer sem poder acudi-lo...

E senão caíesses na emboscada da cadeia que de dois em dois passos, na tua caminhada, secretamente silenciosa o opressor te armava: tu ficavas aí quase perdido quase esquecido nos muceques humildes de gente humilde (mas não resignado) e ouvias, como quem observa de pequena fresta da sua gaiola que N'Gangula, pioneiro heróico morrera algures nas chanas frias, Deolinda, Hojy ya Henda e tantos... tantos. E tu resistindo na fome que te «sanguelava» o estômago, que te agredia com a doença que mirrava as carnes minguando.

— // —

Mas vamos recordar tudo isso em linguagem poética, na linguagem em verso que tu falavas, pois tu não podias falar doutro modo porque o opressor carrasco o teu inimigo estava bem atento a ver quando a tua língua escorregava e zás...

«Ahl És refilão armas-te em político».

Por isso falavas em verso, para que ninguém lesse e os bandidos não violassem o cofre dos teus segredos — para que eles não conhecessem, mesmo que abrisse a boca, os teus desejos e ânsias. Sim falavas em poemas porque tu soldado das grandes batalhas aprendeste na sinfonia dos combates o poema

a poesia da resistência. Sempre foi assim. Não há guerra sem poesia. Esta poesia que é canto da saudade — das mães cujos filhos partiram e não voltaram, poesia que é choro sem desespero e sem lágrimas — desespero daquele que cria, que cria com os olhos secos. Poesia que é mensagem. Poesia, conversa breve, como um «muxoxo» conversas de quem não tem muito tempo a perder,,, tempo que urge. Pois o inimigo aí está à porta, as botas dele, mordendo o chão duro, a pistola dele assassina pronta a queimar-te os miolos. Poesia de guerra. Poesia de libertação.

A poesia foi a linguagem que sempre nos acompanhou. Esta linguagem pura e cristalina, porque era preciso lutar sem lágrimas, porque era necessário matar sem ódio, porque era forçoso destruir sem fúria. E assim a nossa linguagem deixou de ser a comunmente falada para ser a linguagem que se coaduna com a transcendência da acção, que encetamos a jornada clamorosa da libertação.

E não precisas de aparecer nas grandes enciclopédias, nos grandes livros, que tu analfabeto, não podes ler. E então escreves o teu livro, feito por ti no teu estilo, sem estilo, ou melhor um estilo onde a forma é ritmo dos batuques de morte que tocaste (parecia em vão), para que tivesses a certeza que vivias.

E talvez, na tua filosofia, na filosofia de homem fundido com a acção te perguntes porque e em que sentido a tua luta chega a ser motivação ou a origem de uma obra artística.

Isto porque qualquer obra artística pertença ela a qualquer classe é sempre reflexo e a estilização da vida dos homens.

Isto porque a arte revolucionária é o resultado obtido pelo trabalho intelectual do artista revolucionário como reflexo da vida do povo. Porque a vida do povo (e o nosso é um povo em armas, chamado a executar tarefas múltiplas) constitui o manancial que fornece os elementos para a vida artística e literária. Porque a imagem da natureza, onde tu te confundes, camarada, ela é bruta, mas em compensação supremamente rica, viva, fundamental. É sempre superior em beleza a qualquer coisa criada e constitui a fonte inesgotável de qualquer obra de estilização artística.

Aqui tens o nosso livro arrancado dos dias das horas um pouco amargas, um pouco cheias de euforia, mas um livro constituído no martelar quotidiano da vida do nosso povo, heroicamente resistente até a vitória...

ESTA VITÓRIA QUE É CERTA.

LUANDA, MADRUGADA, 4 DE FEVEREIRO DE 1976

RETRATO

Por debaixo da minha almofada
É bem fundo na minha carne amarfanhada
Está um retrato
Que todas as noites vejo, revejo.
E me revejo contas sem fim

Quando na cama sem jeito
Quase destruído me deito
É sempre o mesmo retrato
Retrato de sonhos: Pátria ... livre
Não mais escravidão
Sorissos. Paz

Retrato de sangue :
Socorro
Perdão
Patrão
Morte
Aii!

Um retrato gravado no coração
Na pele, na pele escura
O retrato dos heróis
De quem a morte nada pôde
Um retrato debaixo da minha almofada

Que faz em mim febre

A febre dos grandes combates
A febre de nunca desfalecer
Retrato de um HOJI YA HENDA
Que enverendado por dura senda
Nos aponta um caminho!..
Retrato de um N'Gangula
Que o colonialista carrasco estrangula
O retrato de uma certeza
Angola, Pátria minha

S. Nicolau 15/9/73

KANGILA

CESTINHO

(Há uma cela de chumbo sobre os ombros do nosso irmão)

Quinta-Feira

— Chegaste enfim, cestinho

Há tanto te esperava eu (...)

Vens bojudo, vens cheinho

Que novas me trazes cestinho?

— Beijos, soluços incontidos

Trago-te amores de corações partidos

— Diga-me cestinho

Que é feito da mamã

Pobre velhinha

Toda mirradinha

Toda sumidinha?

— Ela geme, sentida

Ela canta toadas tristes : Aué... Aué...

Canções monótonas

De uma dor infinda

— Cantos feridos! Aué... Aué...! Kokolodiámi

Ela coitadinha

Clama nôte e dia por ti

— Oh! Ai... Ai...

É a Pátria cestinho

Diga a mamã, diga-lhe

Que não chore

Há quem mais implore

A Pátria, A Pátria.

S. Nicolau 15/9/73

KANGILA

ENTARDECER

Vamos a passo caminhando
Nossas sombras se alongam
Imagens íntimas esboçando
Na fina areia

Nossos caminhos infinitos
Pejados de figuras
Corpos destruídos
Corpos sofrendo
Consciências em tormento
Desilusões e incertezas

Vamos a passo caminhando
Ombro a ombro
Nós e as metralhas
P'ra trás
Os cadáveres mordendo o pó
P'ra trás
As salinas cruelmente brancas
As nossas sombras
Cada vez mais longas

Nesse caminhar
De quando em quando
Há vozes pililando
Crianças esvoaçando
Em nossos corações destroçados
Espalhando o bálsamo da paz

E c'os seus gritos
Em nós se esfumam
Essas imagens, essas figuras
Nãohá mais incertezas
Por elas combatêmos
E morremos

S. Nicolau 21/9/73

KANGILA

CRIANÇAS DA MINHA TERRA:

ENTRARECER

Nuas
Enfezadas
Olhos de inocência
Saltitam no pó dos caminhos
As crianças da minha terra

Aquela chama-se Quituxe
(O crime de sermos hospitaleiros)
Essoutra Divua
(A desgraça em nossa terra rica)
E outras mais em tragédia...

Olhos grandes
Indagando não sei o quê
Braços estendidos
Buscando... Buscando
Nos seus carrinhos de arco

Apinhada nos becos
Nuas
Carapinha puído
Correndo celeres
Correndo
Em busca da vida

S. Nicolau 24/10/74

KANGILA

S. Nicolau 21/10/73

KANGILA

EVOCAÇÃO

Tarde
Tardinha
Crepúsculo e
Partida
Noite, fragata e maresia

A abóbada do firmamento
Bruma e azul
É certeza
A vibrar em corações fortes
Caminhada

Abóbada sideral
Névoa
Frio e vento salgados
Estoicismo e coragem
Chegada...
Um só grito :
TRANSFORMAR
S. Nicolau já é outra coisa.

S. Nicolau 19/1/74

KANGILA

CAMARADA

Connosco as nossas mantas
Os nossos sonhos cheios de presságio
Os nossos pesadelos

Connosco o nosso cantil
A nossa sede de justiça
Os ais dolorosos do povo
Connosco o nosso sorriso jovem
Nossas lágrimas magoadas
A dureza cruel dos combates
Partamos camaradas
Caminhemos juntos
Galguemos unidos o trilho da opressão
Alongados já os olhares
Busquemos anelantes aquela estrela
Lá longe, aquela estrela cor de sangue
Partamos camarada
Nenhum de nós poderá ficar
Ninguém poderá ficar
Ninguém partirá só
Caminhemos passo a passo
Teu braço no meu
O meu no teu
Partamos camarada
Em demanda da estrela cor de sangue.

S. Nicolau 24/10/73

KANGILA



**«Vá junta-te aos outros corações libertos
No abraço humanista do socialismo.»**

VANGUARDA

Esp'ranças de crianças
Sisudez de homens maduros
Sonhos de jovens
Garridice amazônica

AMALGAMA

FUSÃO

Estrepitar de armas
A mola propulsora da ideologia
O caminhar para diante!
 Vanguarda
À sua passagem
Derruem os impérios
Volatilizam-se os mitos
Aniquilam-se as barreiras
Vanguarda
Restaura
Instaura
Nova ordem, Novo mundo

S. Nicolau 12/1/74

KANGILA

HOMEM NOVO

Nas asas do sonho
Adormeceu o coração do Homem

No deambular metafísico
Buscou, buscou e
Encontrou
Vazio, dúvida e inquietação

O homem subiu e
Adormeceu
Desfeito no éter
Esqueceu-se de si
Quando despertou
Era infeliz, maldoso e alienado

Mas depois...
Menos alienado já
Buscou-se
E livre enfim, encontrou-se
Caminha coração liberto
Vá junta-te aos outros corações libertos
No braço humanista do socialismo.

S. Nicolau, 28/12/73

KANGILA

NOITES DA MINHA INFÂNCIA

A luz mortiça
Da velha candeia
Depois de magra ceia
Eu ouvia mamã contar
Histórias de sereias, de muloges
Façanhas do colono branco
Contos de amedrontar

A sereia branca
Branquinha
Que riqueza dava
E levava a gente ao rio
Para nunca (talvez) mais voltar...

Histórias de Kibiaka
Feitos sangrentos do Poera
Contos de Kifumbes
Epopéias de morte...

Eu via desfiar mamã
Seu rosário de lamentos
Nossas vidas de tormentos
À luz mortiça
Da velha candeia
Na nossa casa barreada
Eu ouvia noite adentro
(Ah que medo)
Mamã falar de sereias
De muloges e de colonos brancos...

Sereias que dão riquezas
Muloges que bungulam
À meia noite nas clareias
Colonos que nossos olhos esvaziam
E nossos íntimos sugam
Em noites da minha infância
Nos contos de amedrontar
Sereias muloges e colonos brancos
Na voz de mamã
Perpassava o frémito da esperança
«Um dia meu filho
A sereia te levará

O muloge bungulará toda a noite
O colono se sumirá por encanto (Ó mundele an dó mu tumisa [nzagi])
E tu virás rico de liberdade.

14/4/73

KANGILA

CANGILE

Na poeirenta estrada
Em que passo
E se arrasta todo o povo
Mulemba velha se ergue
Seus braços tristemente estende
E neles empoleirado cangila, canta:

«Nbolo kinhento
Nbolo kinhento
Vai kituxe
Sacola
A tiracolo
Vai pesado
Vai penando
Vai sem nbolo
«Nbolo kinhento
Nbolo kinhento
Nos longes desta estrada infinda
Ti Adão pedreiro
Se some
E se consome

Em busca de nbolo
«Nbolo kinhento
Nbolo kinhento
Apenas kinhento
Que não tem mamã Falaz

Ouvindo Cangila cantando
«Nbolo kinhento
«nbolo kinhento
Nos longes longes
Desta dura estrada
Nós transformamos o nbolo da vida
NBOLO KINHENTO

17/2/74

KANGILA

PORQUE POVO

- O colono partira
As cubatas de pé ficaram
Olhares lânguidos o espaço feriram
O colono abalara
O colono fugira
E o povo frustrado chorava
- Porque povo?
Porque povo?
O colono fugiu
E tu choras?
O colono morreu
E tu pranteias?
- Porque?
— Fiquei a meio da batalha
Poupei canseiras
Louco desviei-me da história
Por isso choro . . .

KANGILA



«MAE, Tu... morres... Mãe!
Vejo-te sadicamente destruída
E não sei onde dar-te assim
Um beijo de despedida»

MÃE
MÃE

Macularam-te o rosto
Estrangularam-te o íntimo.
Arrancaram-te as entranhas
E não és mais que feio busto.

MÃE

Espremeram-te os seios
E ficamos com sede
Transformados em fantasmas
Sem arrimo e sem esteios

MÃE

Ceifaram-te os braços
Cegaram-te o olhar ternurento
Chamuscaram-te as mãos carinhosas
Cortaram-nos os bentos laços.

MÃE; Tu...morres...MÃEI

Vejo-te sadicamente destruída
E não sei onde dar-te assim
Um beijo de despedida

MÃE

Violentaram-te mãe!
Teu íntimo estrangularam
Ah! já não sinto
Papitar o coração
E busco-te
vejo-te desfigurada
Acho-te descarnada
Tu...morres mãe!
E para a dor que te maltrata
Eu encontrei remédio
Galgarei abismos
Matarei o gigante
Que te atormenta
E com todo amor
que de meu íntimo ressuma
Poderei dizer...
Estás salva...MÃE!!!

KANGILA

POEMA DE SANGUE

(Em memória de Augusto N'Gangula)

O nosso grito de revolta é um poema...
Poema é o hino de certeza do Militante :
Poema é o gemido moribundo de Deolinda.
Poema é o espasmo de agonia de Henda:

— Continuai, continuai a luta...

Poema é o doloroso sofrer de Ulika
Lançando o repto ao verdugo: facínora, facínora
Poema é o gorgolear do sangue
Da cabeça decepada de N'gangula
Dizendo não à traição
Poema é o ribombar do canhão
Varrendo do solo Pátrio — o torpe colono

A voz irada do povo gritando:
Abaixo o traidor, é um poema
Poema de fúria, de ritmo marcial
Abaixo o traidor
Morra o bufo
Poema são essas vozes de crianças
Saltitando ao entardecer
Quais borboletas beijando as flores
As flores poluídas e murchas da nossa terra
Poema é todo este esforço titânico
Dum povo que sofre, luta e morre
Poema de audácia, de sangue e de vida...

1/12/73

KANGILA

A SIRENE TRISTE

Aqui onde vidas se mingam
A morte é um refúgio
Onde tudo subsiste
Pelo amor do povol...

Quando nasce a aurora
A sirene chama os moribundos
Lançados para a morte
Obrigados a enterrar a enxada...

Cada enxada que se bate
Uma vida ainda subsiste
Uma vida que fenece lentamente
Desta juventude sombria!...

Aqui onde o sangue corre
Clamando justiça
Onde a enxada se enterra
A terra se recusa a ser ferida
Para não perturbar o sono
D'aqueles que dormem eternamente!...
Exausta de sofrimento
A terra chora
Chora em memória dos seus filhos!...

S. Nicolau 5/10/73

ULIKA

CISMANDO NO MEU LEITO

Cismando no meu leito
Uma manta sobre o cimento frio
Para rigozizar o bem da natureza
Reflito!

Quem a esta hora estará dormindo
Sobre o chão sem manta e frio
Ou nas matas sobre o capim
Alguém estará dormindo?

Ao meu lado
Vejo homens expoliando tudo
Até o ar essência da vida
A chuva e o sol
Deixando-nos sufocados

Lá bem longe
Pássaros esvoaçando
Chilreando à vontade
Reflito!
Aqueles não perderam
O direito à vida
Pertence-lhes a vida
Pertence-lhes a natureza
Gozando da justiça prestada

Mais além
Lá no alto oceano
Golfinhos divertem-se
Reflito!
Nada lhes foi expropriado

E nós
Orgulhosos racionais
O bem estar é alienado
Por alguém? Quem?
Nós somos as vítimas da sociedade

S. Nicolau 1/10/73

ULIKA

SAUDAÇÃO

Aos braços
Belígeros
Suados na valente revolta
Contra a exploração de muitos
E a riqueza de poucos

Aos braços
Movendo pântanos
Em rios
Marcando avanços
Por diante
O mundo novo
Adubamos o homem novo
Nos sacrifícios da glória

S. Nicolau, Março/73

KOLOKOTA

ÁFRICA

Qual louçania
Num pensar ensosso
Estental de insípidas aflições
De martírios
De feitiços malogrados
Nas cadeias miseráveis da escravidão

África carpindo
Manancial de gritos confrangidos
Entre as pedras escorre o sangue
O suor
As lágrimas
O Nilo passa
O vento voa
Tradições esquecidas
De heróis indómitos no sigilo

África

Qual vida mundana
Perante forças enraizadas
Nutridas de ódios seculares
De corações indivisos

Ó esperança de novos dias
De África em ressurreição

S. Nicolau, Novembro/72

KOLOKOTA

CATARSE

Entendi o recado solidário
Moldado nas angústias da opressão
Vividas ante o monstro réptil
Sirgando as nossas fraquezás
Aos rumos amargos da servidão

CATARSE

Mutilado
Chagado no mais dentro profundo
Vi-te partir
Da pátria molhada em prantos
Lamaçal de sangue
De cujo o brilho o suor acentua

Vi-te no exílio
Enterrando desgraças de cá

Ali na irmã nação do Congo
Em que os braços armamos
Para o regresso à terra
No combate pela liberdade

S. Nicolau, Setembro/73

KOLOKOTA

ZAIRE

CATARSE

DO MAIOMBE

Espreito inadvertido

Pesquisando

Um «irmão» nosso liberto

Encontro-te torcido

As canseiras do martelo

Encontro-te suado

Afogado no lucro do mesmo patrão

Encontro-te Lumumba

Nas trevas retido

Pobre «irmão»

Tropeçastes

O tirano está vivo

Maio/74

KOLOKOTA

KOLOKOTA

KOLOKOTA

CARRASCO

CARRASCO do meu povo
Sanguinário do meu sangue
Monstro da minha dor

CARRASCO

CARRASCO vil intruso
Parasita da minha fome
Sentinela da angústia que me oprime
Filho fiel da hipocrisia

CARRASCO

CARRASCO das marchas
Avançando entre matas de florestas
Dos sinos crepitando revoltas
Pela bandeira vermelha e negra da liberdade

CARRASCO

CARRASCO do povo trabalhador
Que a buzina acorda logo ao amanhecer
Suportando esforços de salário mínimo
Nas fábricas da escravidão

Eu hei-de estripar-te
Este ventre pançudo
Hei-de arrancar-te
Estes olhos de víbora

Eu hei-de mostrar-te
O saber que no negro não encontras
A ignorância que no branco não achas

Hei-de estrumar minha terra
Com teu corpo e teu sangue
Adubar campos de batalha
Onde então florirão mais radiantes
Os cafezeiros da liberdade

PIDE, Março/73

KOLOKOTA

CARRASCO

CARRASCO do meu povo
Sanguinário do meu sangue

Morreu de mãos do
CARRASCO

CARRASCO vil intruso
Paralisa de minha fome

Sentindo de anfitrião que me dançou
Fique hei de hostilizar

CARRASCO

CARRASCO das marchas
Avançando entre males de florestas

Das mãos marchando invulso
Pais deparata vestimenta e negas de libertada

CARRASCO

CARRASCO deve trabalhar
Que a burocracia seja ao zamburão

Superando esforços de salário mínimo
Nas fôrças de escravidão

Eu hei de estigar-te
Este vento perdido

Hei de amancar-te
Estas oitavas de vibração

Eu hei de mostrar-te
O saber que no negro não encontra

A ignorância que no branco não vive

Hei de estrumar minha terra
Com teu corpo e teu sangue

Adubar campos de batalha
Ónde estão honra mais cadáveres

Os cadáveres de libertada

Composto e impresso em Offset


na Tip. REGRAL

1976

Só na morte
Vive
Quem na vida
A morte não teme

Vive povo
Na busca inabalável
De quem deseja
E por desejar luta

S. Nicolau — MAIO 74
A célebre cela n.º 1, no
conhecido «CERCO». Aqui
se passam os primeiros
6 meses para um «test»
dos prisioneiros.



349 (E)